

## **A configuração cristã do tempo: considerações sobre o tempo na filosofia de Santo Agostinho.**

Graduanda Daniela Barbosa da Silva  
Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: [danielabarbosas@gmail.com](mailto:danielabarbosas@gmail.com)

### **Resumo**

A proposta do presente artigo consiste em uma reflexão acerca da concepção cristã do tempo e de sua influência dentro da própria maneira como os historiadores lidam com a noção de um tempo histórico. Dessa maneira, buscaremos mostrar através das análises de Pattaro e Ricoeur, as principais características do tempo cristão passando, em seguida, à importância da filosofia de Agostinho na descoberta de um tempo histórico, que encontra suas bases em um posicionamento do indivíduo face a realidade vivida.

Palavras-chave: Filosofia da História – Cristianismo – Tempo

### **Résumé**

La proposition du présent article consiste à une réflexion sur la conception chrétien du temps et de sa influence dans la manière même sur laquelle les historiens travaillent avec la notion d' un temps historique. Ainsi, on cherche montrer à travers des analyses de Pattaro et Ricoeur les principales caractéristiques du temps chrétien en passant, ensuite, à l'importance de la philosophie d' Augustin dans la découverte d'un temps historique, qui rencontre ses supports dans un placement de l' individu à la réalité qu' il vit.

Mots-clé: Philosophie de l' histoire – Christianisme - Temps

### **1. Introdução.**

A primeira constatação que temos sobre a importância de se compreender o tempo no processo de construção do saber histórico, nos é dada por Prost, quando este afirma: "L'histoire est un travail sur le temps" (PROST, 1996, p. 102). A frase é dotada de força, por demonstrar o quanto necessário é a apreensão das estruturas temporais para quem lida com a História e torna-se, por isso, sinalização da preocupação que move este estudo.

*A História é um trabalho sobre o tempo*<sup>1</sup>, mas que tempo é este? É aquele usado para medir as horas ou aquele do calendário que funda uma cronologia dos fatos? É um tempo que só encontra significado na escrita ou aquele que é pensado e refletido? Pomian<sup>2</sup> identifica os quatro *chronométrie, crhologie, chronographie* e *chronosophie* como presentes em uma análise, mas, se estão todos presentes, como fazemos a distinção entre eles? Como eles aparecem em um estudo histórico?

Para tentar responder a essas perguntas nos foi necessário fazer uma escolha, tendo em vista a pluralidade de significações culturais que formam a concepção de tempo. Sendo assim, escolhemos trabalhar com a noção cristã do tempo, visto que ela permeia o posicionamento ocidental sobre a questão. A História que conhecemos na academia é formulada dentro deste tempo, que dá a ela caráter conciso e linear.

Desta forma, o objetivo deste artigo é explanar as principais características do tempo cristão, focando-se, sobretudo, em como se forma a idéia de tempo progressivo, a questão dos juízos de Deus e, por último, como a doutrina cristã colabora para a construção do homem como indivíduo capaz de refletir sobre sua atuação no mundo.

## **2. A configuração cristã do tempo e a centralidade do Kairós de Cristo.**

Entender a elaboração cristã do tempo torna-se importante quando percebemos que ele é responsável pela ordenação do tempo moderno. Nossa história nos é transmitida por meio de uma marcação temporal cristã, estando dividida em antes e depois de Cristo. Por meio desta divisão são contados os anos, séculos, e os milênios. A era cristã, como nos diz Prost, unifica os eventos e os fatos da História ocidental: "Cette unification s'est faite avec l'avènement de l'ère chrétienne: notre temps est organisé à partir d'un événement fondateur qui l'unifie: la naissance du Christ" (PROST, 1996, p. 104).

A pergunta que se faz é: como ela alcança este status unitário? É claro que logo se tem em mente a propagação do cristianismo, desde a importante conversão de Constantino à evangelização que cruzou o Atlântico na época da Expansão

---

<sup>1</sup> Tradução livre de Prost. Ibid. pp. 102.

<sup>2</sup> POMIAN, Krzysztof. L'ordre du temps. Bibliothèque des Histoires. Éditions Gallimard: 1984.

Marítima. Mas, isto explica como a compreensão temporal de uma religião se tornou a noção temporal do ocidente, mesmo após a laicização dos Estados? Perceber isso colabora para o entendimento, só não é central no processo.

Temos, então, que perpassar como essa relação fundamenta a compreensão do tempo pelo cristianismo e de como ele estará em todos os detalhes da vivência cristã. Sendo o primeiro ponto de destaque, a percepção de que a prática da fé professada é realizada na História, na qual Deus tem o poder de intervir ativamente a favor de seu povo. Percebemos, assim, que o Deus cristão é, tal como coloca Pattaro, um Deus histórico:

Neste sentido, a consciência histórica está em condições não somente de abrir o presente para o futuro mas também, de certa forma, dar eficazmente um sentido ao presente evocando o futuro que se há de realizar graças a intervenção garantida de Deus. (PATTARO, 1975, p. 199).

A esta atuação seria formulada a idéia das quatro idades do mundo, que seriam divididas em uma idade da lei natural, da lei mosaica, da graça e da glória. O que nos traz como a história bíblica acompanha o movimento do tempo, produzindo significados para este passar. Neste sentido, a vinda de Cristo ao mundo inaugura o tempo da graça, propício à salvação das almas, visto que ao cessar as idades do mundo, cessa-se o próprio mundo. Forma-se, assim, a noção linear do tempo, com princípio, meio e fim; que tem como seu centro a figura de Cristo. Com ele funda-se a reciprocidade entre tempo e história. Diz-nos Pattaro:

Cristo é com efeito o primeiro e o último, tanto em relação aos homens quanto em relação às coisas, e para todo homem que foi, é ou será. Os cristãos, portanto, interpretam toda a série das idades do mundo a partir de Cristo. (PATTARO, 1975, p. 200).

Percebemos, através do trecho citado, que Cristo torna-se central na concepção cristã do tempo, já que é Nele que se realiza o termo e a meta da história. É também por meio Dele que temos a criação de um tempo da paciência e da espera, que só terminaria no advento de sua glória, esta, por conseguinte, marcando o próprio final dos tempos e a passagem para a eternidade. Sendo a eternidade a característica primordial do divino e o cessar de todo o movimento, para os homens, entrar para o eterno seria sair do fugaz de uma vida em que tudo morre. Por isso, a vida em Cristo neste tempo da glória, será a vida na plenitude.

Constatada a importância de Cristo, entramos agora na interessante reflexão de Pattaro sobre o Kairós de Jesus. Entendendo-se por Kairós um acontecimento já premeditado por Deus:

Os *kairói* de Cristo são, por conseguinte, os tempos decisivos da história de Deus neste mundo. Ninguém tem o poder sobre esses “tempos”, e a realidade deles é marcada pela impossibilidade de repetir-se que os liga irrevogavelmente a Deus, a tal ponto que não podem mais ser esvaziados de seu significado ou substituídos. (PATTARO, 1975, p. 209).

Assim, o kairós de Cristo, realizado no acontecimento de sua morte, forma o tempo principal para os cristãos e faz com que todos os outros “tempos” fundamentem-se tendo por base este momento. O que traz, como já dito, a criação de um tempo oportuno em que está presente o termo “vigiar” e, temos ainda a novidade de um tempo visto como juízo de Deus, no qual os acontecimentos como a “decadência” de Roma eram apresentados como a prova do mesmo. Diz-nos Mazzarino, citando Santo Agostinho: “Sim, o pagão observa: Roma morre nos tempos cristãos. Talvez Roma não esteja morrendo: talvez tenha sido flagelada, não morta; talvez tenha sido castigada, não destruída” (MAZZARINO, 1991, p. 77). Estando as pessoas partícipes de um irrevogável juízo de Deus, tempo e história deixam de ser profanos e passam a fazer parte do sagrado.

Há ainda, dentro da noção de kairós de Cristo, a importante constatação de que, sendo central aos cristãos, é nele que se realiza toda a possibilidade de um continuum e de unidade. É, pois, em Cristo que os tempos se unem. Temos, ainda, a tensão permanente entre um Cristo que já veio e aquele que há de vir, o que situaria a história cristã ou, antes, o tempo cristão, no âmago do tempo presente; em que a idade da graça se configura no “aqui” e “agora”. E é tendo em mente esta idéia que passaremos, agora, para a próxima etapa de nosso estudo.

### **3. Definição do tempo em Santo Agostinho: a busca da alma humana e a configuração da noção de tríplice presente.**

Agostinho nasce em Tagaste, província romana da Numídia, em 354 d.C. Viveu até os 33 anos uma vida desregrada e de pecado, sendo batizado somente em 386 d.C. Logo após, funda um mosteiro laico e, em seguida, é chamado para ser auxiliar do bispo de Hipona, ao qual substituíra após sua morte. Seus principais

escritos são confeccionados durante seu bispado, tendo suas Confissões sido escritas nos anos de 397 / 398 d.C, inaugurando o gênero autobiográfico.

Confissões se caracteriza como uma obra de reflexão, momento em que Agostinho transforma-se em próprio objeto a ser refletido, perscrutando-se para entender a essência da alma humana. Esta capacidade de contemplar a si mesmo traria a possibilidade de se encontrar com a verdade, sendo, tal como nos diz Weichsedel<sup>1</sup>, o descobridor da interioridade humana:

Nelas Agostinho não quer apenas mostrar o que se passou em sua vida. Antes de tudo quer deixar claro como, em todos os acontecimentos que descreve, encontra a si mesmo e aprende a compreender a si mesmo. (WEICHSEDEL, 2004, p. 89).

É por isso que ele se torna capaz de apontar o estado de inquietude do ser humano, em que este estaria sempre confuso face a realidade vivida, sendo sempre tragado por sua nostalgia daquilo que foi e na esperança de tempos melhores e, destinado dentro disso, a exercer uma vontade que fundamentaria seus caminhos. Isto nos aponta para o principal ponto da filosofia de Agostinho: a noção de busca.

Os seres humanos estão sempre na constante busca pela felicidade, mas não a felicidade efêmera que vivenciamos hoje, seria aquela encontrada na plenitude. Como um ser que almeja / busca o objeto de seu desejo, precisa-se estabelecer qual é a relevância daquilo que se procura, ao que diz Horn:

Felicidade é aquilo em que todo o agir e desejar chega à plenitude. Disto é deduzido: ninguém pode estar feliz se não tem algo que deseja; entretanto, nem tudo o que é desejado e obtido realmente torne feliz; por isto, há necessidade da filosofia, que empreende uma apreciação crítica da relevância de bens almejados para a felicidade. (HORN, 2003, p. 231).

Segue a esta idéia de estado de busca a concepção da vontade humana, que poderia guiá-lo tanto para o melhor, quanto para o pior caminho. Insere-se aqui a noção de livre-arbítrio, em que a vontade se configuraria como um momento de escolha do homem a respeito de atos isolados. Mas, desse poder decisório, Agostinho nos aponta o problema de uma vontade presa e dividida, sendo que só a Deus cabe a graça de unificá-la. O pecado, então, seria o responsável pela divisão da vontade:

De acordo com a concepção agostiniana, só uma ajuda por parte de Deus, concedida sem mérito humano, pode restabelecer no indivíduo aquela

---

<sup>1</sup> WEICHSEDEL, Wilhelm. A Escada dos fundos da filosofia. São Paulo: Editora Angra, 2004.

condição que teria existido antes da assim chamada queda no pecado. (HORN, 2003, p. 242).

O caminho torna-se, dessa maneira, buscar a Deus, pois só no encontro com Deus a felicidade é possível. Encontrado o “objeto” que se almeja, pergunta Santo Agostinho como chegar até ele, visto o contraste da eternidade de Deus e o tempo multifacetado do homem, esfacelado pelas vontades distorcidas. Assim, nos deparamos com a pergunta crucial do livro XI de Confissões – *O que é, pois, o tempo?*<sup>1</sup> – nos deixamos ficar perplexos junto com o autor, pois, a pergunta, por mais simples que pareça, é de uma inquietação que não cessa nem com as possíveis respostas encontradas.

É tendo em mente a pergunta de Santo Agostinho sobre o tempo que Paul Ricoeur inicia sua reflexão em Tempo e Narrativa – Tomo 1<sup>2</sup>, no qual dedica a primeira parte ao livro XI das Confissões. Seu trabalho nos proporciona um olhar mais esclarecedor sobre o texto agostiniano, na medida em que realiza um exame minucioso acerca da concepção de tempo em Agostinho.

Ricoeur constata que há uma contradição entre dotar ou não o tempo de um “ser”, já que ele não possui um corpo material, embora pela linguagem ele surja dotado de uma existência. Ao que ele afirma:

O argumento cético é bem conhecido: o tempo não tem ser, posto que o futuro ainda não é, que o passado não é mais e que o presente não permanece. E contudo falamos do tempo como tendo ser: dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas foram e que as coisas presentes passam. (RICOEUR, 1994, p. 22).

O que nos leva ao apontamento que se faz sob a perspectiva do tempo como aquele que se encontra em movimento permanente, e, nunca estando fixo, traz o problema de como se traça o passado e o futuro. Como, então, poder-se-ia apreender os “tempos”? Visto que o passado já não é, o presente não permanece e o futuro ainda não aconteceu. Como medir o tempo?

Dentro deste entrave Agostinho procura, como nos mostra Ricoeur, estabelecer um local onde este tempo permaneça, não no sentido de se tornar fixo e, sim, o que o faz capaz de ser passível de conhecimento pelo homem. Este tempo

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *As aporias da experiência do tempo – o livro XI das confissões de Santo Agostinho*. In: Tempo e Narrativa – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

que se faz conhecer não é o tempo medido pela física, pois nessa medição ele não existiria, pelo menos não dentro da possibilidade de criar significados. Mas, para responder como esse tempo é medido, vemos que Santo Agostinho o localiza no presente:

Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. (AGOSTINHO, 1996, p. 328 – 20, 26).

E a pergunta torna-se a repetir, se ele é presente, como medi-lo? A solução encontra-se no transporte dessa medição para outra área, a qual Agostinho localiza como a alma humana (espírito), ao afirmar:

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. (AGOSTINHO, 1996, p. 336 – 27, 36).

E Ricoeur complementa: “Para resolver o enigma é preciso descartar a solução cosmológica para obrigar a investigação a buscar só na alma, logo, na estrutura múltipla do tríplice presente, o fundamento da extensão e da medida” (RICOEUR, 1994, p. 31).

Como chave da questão localiza-se em medir não as coisas, mas o tempo que se encontra no indivíduo, vemos que não temos passado, presente e futuro e sim, “tempos que passam”, que só permanecem porque deixam sua impressão na alma humana, nas palavras de Ricoeur:

Reencontramos o presente do passado, herdado da análise que encerraria o primeiro enigma – e com essa expressão todos os problemas da imagem-impressão, do *vestigium*. A vantagem contudo é imensa: sabemos agora que a medida do tempo não deve nada à do movimento exterior. Ademais, encontramos no próprio espírito, o elemento fixo que permite comparar os tempos longos e os tempo curtos: com a imagem-impressão, o verbo importante não é mais passar (*transire*), mas permanecer (*manet*). Neste sentido, os dois enigmas – o do ser/não ser e o da medida do que não tem extensão – são resolvidos ao mesmo tempo; de um lado, é a nós mesmos que retornamos: “É em ti (*in te*), meu espírito, que meço os tempos” (27,36). E como? Enquanto ai permanece, depois de sua passagem, a impressão (*affectio*) produzida no espírito pelas coisas que passam: “A impressão que as coisas passando deixam em ti, ai permanece (*manet*) depois de sua passagem, e é ela que meço quando está presente, não essas coisas que passaram para produzi-la” (27,36). (RICOEUR, 1994, p. 37).

Assim, o presente vivido é o local em que se encontra a intenção da alma, que se move no tempo por meio da atenção que coloca em suas ações e é dentro desta que irá transitar, também, a memória e a espera: “Contudo, minha atenção (*attentio*) esta aí, presente; e é por ela que transita (*trarcitur*) o que era futuro, para tornar-se passado” (RICOEUR, 1997, p. 39).

Detenhamos-nos no termo “atenção”, visto que é por meio dela que o homem vivência as três dimensões temporais como tríplice presente, pois, faz-se necessário ainda, perceber que o espírito se distende na medida em que “lembra, vive e espera”. A atenção é, então, o momento em que o homem se encontra consciente de sua ação no tempo, mas ela pode ser alquebrada.

Como isso pode ocorrer? Retornemos ao conceito de vontade da filosofia agostiniana e lembremos que ela, quando não orientada, faz com que o ser humano se perca de seu próprio ser, devido à multiplicidade de “vontades” desviá-lo do real foco de sua atenção, aquele caminho que o levaria à plenitude, este que, para Agostinho, não é outra coisa senão a busca a Deus.

Se o foco da ação é localizar a plenitude em Deus, o caminho do homem é buscar a vivência em um tempo que o leve de encontro à divindade e, que tempo é este, são o Kairós de Cristo? É em Jesus que os “tempos” se localizam e é Nele que a atenção pode lançar a sua ação, a figura do Cristo é o centro e é por ela que as ações devem se mover para chegar à plenitude, alcançando, assim, a eternidade. Ele que é começo, meio e fim; é a orientação plena para o ser humano.

#### **4. Considerações Finais.**

O presente estudo procurou, por meio da exposição dos principais elementos da doutrina cristã sobre o tempo, apontar como ela propiciou uma avaliação da História como juízos de Deus e colaborou com a elaboração da importância do tempo presente para a compreensão do passado. Pois, quando perpassamos a idéia de tríplice presente de Santo Agostinho, percebemos o quão intrínseca é a noção de um presente (no espírito) que fundamenta a forma como lidamos com a memória, a ação e a espera.

Desta forma, nossa intenção era demonstrar como a complexa configuração cristã do tempo está entranhada na própria concepção de mundo da era moderna,

pelo menos no que diz respeito ao ocidente. É claro que o debate não se encerra aqui, há ainda outras questões a serem postas, como a dúvida se a temporalidade cristã seria totalmente linear. Assim, este trabalho configurou-se como um esboço inicial acerca do problema do estudo do tempo no âmbito da historiografia.

### Referências Bibliográficas.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

HORN, Christoph. *Agostinho – filosofia antiga na interpretação cristã*. In: Filósofos da Antiguidade, Do helenismo à Antiguidade tardia. Tradutor: Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos – RS, 2003.

MAZZARINO, Santo. *Os juízos de Deus como categoria histórica*. In: O fim do mundo antigo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PATTARO, Germano. *A concepção cristã do tempo*. In: As culturas e o tempo. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1975.

POMIAN, Krzysztof. *L'ordre du temps*. Bibliothèque des Histoires. Éditions Gallimard: 1984.

PROST, Antoine. *Les temps de l'histoire*. In: Douze leçons sur l'histoire. Paris: Éd. du Seuil, 1996.

RICOEUR, Paul. *As aporias da experiência do tempo – o livro XI das confissões de Santo Agostinho*. In: Tempo e Narrativa – Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

WEICHSEDEL, Wilhelm. *A Escada dos fundos da filosofia*. São Paulo: Editora Angra, 2004.